

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE MORADORES DO ENTORNO DE
FRAGMENTOS FLORESTAIS NOS MUNICÍPIOS DE PORTO ALEGRE E
VIAMÃO: A RELAÇÃO ENTRE O BUGIO-RUIVO (*ALO UATTAGUARIBA
CLAMITANS*) E A FEBRE AMARELA**

Fabiana Müller Corrêa^{1,2}, Urbano Lopes Bobadilla² e Márcia Maria de Assis Jardim¹
(orient.)

¹Setor de Mastozoologia, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; ²Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); fabifabifabi@gmail.com; marcia.jardim@fzb.rs.gov.br.

A alta taxa de crescimento da população humana resulta na perda de habitats naturais, conseqüentemente, espécies selvagens acabam se aproximando de zonas urbanas favorecendo o estabelecimento de zoonoses. Devido ao surto de febre amarela silvestre em 2008 e 2009 no Rio Grande do Sul, notou-se a necessidade de desenvolver um estudo objetivando avaliar a percepção das pessoas em relação à preservação do bugio-ruivo, bem como o conhecimento sobre a ligação deste primata com a febre amarela. Este estudo foi realizado nas comunidades humanas próximas a fragmentos florestais dos municípios de Porto Alegre e Viamão. Foram realizadas 61 entrevistas com diferentes moradores a partir de questionários pré-estruturados. O perfil dos entrevistados caracterizou-se por 51,7% de pessoas com escolaridade inferior ao Ensino fundamental completo, sendo 21,3% das ocupações relacionadas a trabalhos rurais. A idade dos entrevistados teve uma média de 48,9 anos. Dos entrevistados, 95,1% residem na propriedade, com um tempo de moradia no local que varia de um dia a 60 anos. Através da análise de dados, obteve-se que 52,4% não sabiam explicar ou tinham dúvidas quanto à relação do bugio com a febre amarela e 27,9% afirmaram que o bugio é o transmissor da doença. Apesar das dúvidas, a grande maioria (85,2%) disse ter recebido a vacina. Quanto à morte de bugios, a maioria (87,9%) nunca encontrou um bugio morto e dentre os que afirmaram já ter encontrado, a maioria atribuiu as mortes a choques elétricos ou ataques por cachorro. As agressões foram relatadas por apenas dois moradores e atribuídas à febre amarela e à caça clandestina. Quanto à preservação dos bugios, 37,4% dos entrevistados perceberam um aumento dos bugios na região e praticamente todos afirmaram que os animais deveriam continuar vivendo no local. Os resultados demonstraram que a população entrevistada percebe bem a presença dos bugios e que a maioria dos conflitos ainda está relacionada ao processo de urbanização das áreas naturais, e não à questão da febre amarela. Isto pode estar relacionado ao fato da doença não ter atingido estas populações de primatas no surto ocorrido. No entanto, considerando que permanecem dúvidas sobre a forma de transmissão da doença e a sua relação com os bugios, é recomendável que a campanha local com informativos sobre a doença, através de folders e cartazes, continue como medida preventiva em futuros surtos da doença na região.

(Apoio: PIBIC-CNPq/ MCN-FZBRS)